

# A URGÊNCIA DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA ARTISTAS LGBTQ+ LATINO- AMERICANOS

[ ARTIGO ]

**Luiz Roberto de Almeida**

*Universidade de São Paulo*

**Lucilene Cury**

*Universidade de São Paulo*

[ RESUMO ABSTRACT RESUMEN ]

A identidade cisgênero heterossexual é a norma, uma construção social e cultural a partir da qual as demais identidades são hierarquizadas e marginalizadas, deixando os sujeitos LGBTQ+ à mercê de diversas violências. Diante disso, acredita-se que os artistas LGBTQ+ são figuras de referência para a sociedade porque seus trabalhos artísticos apresentam possibilidades de existência de sujeitos cisgêneros homossexuais, trans ou não-binários. Considerando a violência vivenciada por esses sujeitos e a importância do artista na constituição de uma narrativa identitária da comunidade LGBTQ+, é urgente pensar políticas públicas que promovam maior visibilidade desses artistas. Para investigar tal tema, foram entrevistados treze artistas – músicos, atores e uma escritora –, dos quais sete são de Buenos Aires e seis, de São Paulo.

*Palavras-chave:* LGBTQ+. Violência. Arte. Identidade cultural. Políticas públicas.

Heterosexual cisgender identity is the norm, a social and cultural construction from which other identities are hierarchized and marginalized, leaving LGBTQ+ subjects at the mercy of various types of violence. Given this, LGBTQ+ artists are considered as reference figures for society because their artistic work presents the possibilities of existence of cisgender homosexual, trans or non-binary subjects. Considering the violence against these subjects and the importance of the artist in the constitution of an identity narrative of the LGBTQ+ community, thinking about public policies that promote greater visibility of these artists is urgent. Thirteen artists – musicians, actors, and a writer –, seven from Buenos Aires and six from São Paulo, were interviewed for this investigation of the subject.

*Keywords:* LGBTQ+. Violence. Art. Cultural identity. Public policy.

La identidad heterosexual cisgénero es la norma, una construcción social y cultural a partir de la cual otras identidades son jerarquizadas y marginadas, dejando a los sujetos LGBTQ+ a merced de varios tipos de violencia. Ante esto, se cree que los artistas LGBTQ+ son figuras de referencia para la sociedad porque su trabajo artístico presenta las posibilidades de existencia de sujetos cisgénero homosexuales, trans o no binarios. Considerando la violencia contra estos sujetos y la importancia del artista en la constitución de una narrativa identitaria de la comunidad LGBTQ+, es urgente pensar en políticas públicas que promuevan una mayor visibilidad de estos artistas. Para ello, se entrevistó a trece artistas –músicos, actores y un escritor–, de los cuales siete son de Buenos Aires y seis de São Paulo.

*Palabras claves:* LGBTQ+. Violencia. Arte. Identidad cultural. Políticas públicas

## Introdução

---

Segundo Bauman (1999, 2001, 2003, 2005, 2017) e Hall (2014, 2015), devido à globalização, todos os sujeitos estão à mercê da “crise de identidade” nacional, que impõe ao sujeito a tarefa de buscar sua identificação não mais na “comunidade simbólica” nacional, mas em novas comunidades, que se organizam na dinâmica tempo-espço da chamada modernidade tardia, pós-modernidade ou modernidade líquida. “Quando a identidade perde as âncoras sociais que a faziam parecer ‘natural’, predeterminada e inegociável, a ‘identificação’ se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente um ‘nós’ a que possam pedir acesso” (BAUMAN, 2005, p. 30). Busca-se, portanto, novas “comunidades imaginadas” de acordo com similaridades, como identidades históricas partilhadas no passado ou mesmo questões referentes a gênero e sexualidade.

Silva (2014) e Woodward (2014) argumentam que identidade e diferença são criadas a partir do processo de diferenciação entre os sujeitos, no qual um fator pode ser eleito como o principal ainda que eles tenham outras vivências em comum. “O corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos” (WOODWARD, 2014, p. 15). A diferenciação pelas questões de gênero e sexualidade foram colocadas pelos detentores do poder de criar identidades como fatores cruciais para definir quem pertence e quem não pertence à sociedade. A construção da identidade normalizada se dá a partir do apontamento daquilo que difere da norma. A estrutura de poder que define a identidade cisgênero heterossexual como a norma que irá hierarquizar e

marginalizar as demais identidades aprofunda a crise de pertencimento dos sujeitos LGBTQ+<sup>1</sup> e dificulta o entendimento sobre suas possibilidades de existência.

Diante disso, tem-se como hipóteses: 1. figuras de referência que representam possibilidades de existência cisgênero homossexuais, trans ou não-binárias são importantes no processo de entendimento dos sujeitos que diferem da norma cisgênero heterossexual, seja na questão da homossexualidade ou da transgeneridade; 2. os artistas LGBTQ+ são figuras de referência para os sujeitos da comunidade e, dessa forma, ajudam no processo de entendimento das possibilidades de existência como sujeitos cisgêneros homossexuais, trans ou não-binários; 3. esses artistas também são figuras de referência para além da comunidade LGBTQ+ porque seus trabalhos artísticos apresentam uma identidade humana do sujeito LGBTQ+ que possibilita o

---

1 LGBTQ+ é a sigla utilizada para representar pessoas lésbicas, gays, bissexuais e trans, assim como as demais identidades *queer*. Para saber quais são os sujeitos que compõem a comunidade LGBTQ+ é necessário entender a separação entre anatomia sexual, identidade de gênero e orientação sexual. Ao nascer, uma pessoa tem sua identidade de gênero – mulher ou homem – designada pela sociedade com base em sua anatomia sexual. Uma pessoa que se identifica com o gênero que lhe foi designado é considerada cisgênero. Pessoas que não se identificam com o gênero atribuído, ou seja, sua identidade de gênero difere de sua anatomia sexual, são consideradas transgênero, transexuais ou travestis. É considerado não-binário quem não se identifica com nenhum gênero ou se identifica com ambos. Outra questão é a orientação sexual. Quando uma pessoa se sente atraída sexualmente somente por pessoas que têm a identidade de gênero oposta, essa pessoa é heterossexual. Se há atração sexual somente por pessoas com a mesma identidade de gênero, ela é homossexual. A pessoa é bissexual caso sinta atração por ambos os gêneros. Existem ainda outras questões que englobam mais pessoas da comunidade, mas estas não serão discutidas neste trabalho porque não entram no recorte dos sujeitos entrevistados.

melhor entendimento da sociedade sobre as existências cisgêneros homossexuais, trans ou não-binárias. Dessa forma, considerando a violência vivenciada por esses sujeitos e a importância do artista na constituição de uma narrativa identitária da comunidade LGBTQ+, é urgente pensar políticas públicas que promovam maior visibilidade desses artistas.

Para essa investigação, foram entrevistados treze artistas – músicos, atores e uma escritora –, dos quais sete são de Buenos Aires e seis, de São Paulo. A pesquisa de campo foi realizada na cidade de Buenos Aires em setembro de 2018 e em outubro e dezembro de 2018 na cidade de São Paulo<sup>2</sup>. Cada entrevista, gravada em áudio e vídeo, durou cerca de 30 a 40 minutos<sup>3</sup>.

## Metodologia

---

A ida ao campo de pesquisa foi precedida de uma reflexão teórica sobre o ato

---

<sup>2</sup> A pesquisa de campo é parte integrante do mestrado de Luiz Roberto de Almeida pelo Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo (Prolam-USP), orientado pela Profa. Dra. Lucilene Cury. A pesquisa de mestrado obteve financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) com uma bolsa Programa Demanda Social, concedida durante todo o período de março de 2018 a março de 2019. A passagem para a pesquisa de campo em Buenos Aires foi financiada pela verba Proap-Capes destinada ao Prolam-USP.

<sup>3</sup> A captação audiovisual da pesquisa de campo teve o apoio voluntário de Camila da Silva Wanderley e Thays Munhoz Bastos, que foram a Buenos Aires com recursos financeiros próprios e disponibilizaram parte dos equipamentos utilizados. A captação audiovisual em São Paulo também contou com o apoio voluntário de Gabriel de Oliveira Moraes e Renato Martins de Oliveira Spinosa.

da entrevista. Prigogine (2011) afirma que a ciência é um diálogo com a natureza e que toda medição pressupõe a possibilidade de ser afetado pelo mundo. A relação dialógica entre os sujeitos, na perspectiva de Buber (2001, 2014), trata-se de um verdadeiro encontro. Para que se estabeleça o diálogo, ambos os sujeitos devem estar abertos para ir ao encontro do outro, sem barreiras. Medina (2000), jornalista, pesquisadora e professora titular sênior da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), propõe em seu livro “Entrevista: o diálogo possível” uma reflexão sobre o momento da entrevista e argumenta que o entrevistador precisa enxergar esse momento como uma situação psicossocial da maior complexidade, na qual o autoritarismo do entrevistador precisa dar espaço à entrega, à observação, à busca da confiança recíproca. “O diálogo se dá sobretudo no nível da sensibilidade” (MEDINA, 2000, p. 31).

Tanto em Buenos Aires quanto em São Paulo, foram adotados três critérios para selecionar os artistas: 1. exclusão de artistas mainstream por conta da dificuldade em encontrar disponibilidade de agenda; 2. necessidade da presença da temática LGBTQ+ no material artístico apresentado, de forma que possa haver uma identificação entre artista e público por meio do reconhecimento de uma mesma vivência LGBTQ+; 3. especificamente para artistas cisgêneros homossexuais, foram considerados apenas aqueles que não reforçassem estereótipos ligados à sua identidade de gênero, ou seja, que explorassem de alguma forma elementos do universo contrário ao da sua identidade de gênero em seus trabalhos artísticos.

Por meio da agenda cultural semanal publicada on-line pelo *Suplemento Soy*

do jornal *Página 12*, principal publicação on-line voltada ao público LGBTQ+, foram mapeados os principais centros culturais da cidade de Buenos Aires que recebiam artistas LGBTQ+. Com conhecimento maior da cena LGBTQ+ da cidade de São Paulo, acompanhou-se a programação cultural dos principais locais e eventos que recebem artistas LGBTQ+ a fim de identificar aqueles que pudessem ser elegíveis para a pesquisa.

Em primeiro lugar, os artistas foram questionados sobre a falta de figuras do meio público ou de suas vidas privadas que também fossem sujeitos cisgêneros homossexuais, trans ou não-binários e, portanto, com que pudessem se identificar no processo de entendimento de sua identidade de gênero ou orientação sexual. Os relatos confirmaram a relevância da problemática da pesquisa e a hipótese de que a falta de figuras de referência dificultou o processo de entendimento desses artistas como sujeitos que diferem da norma cisgênero heterossexual, seja na questão da homossexualidade seja da transgeneridade, tanto em Buenos Aires quanto em São Paulo. A não possibilidade de existência apareceu de forma mais enfática na fala dos sujeitos trans, dada a maior falta de representatividade desses sujeitos na mídia e no convívio social e a maior dificuldade que um corpo trans encontra em se inserir na sociedade. Mesmo tendo em vista a falta de figuras de referência, tanto os artistas cisgêneros homossexuais quanto os artistas trans se recordaram de algumas figuras públicas da comunidade LGBTQ+ com as quais se identificaram e que foram importantes no processo de entendimento sobre suas possibilidades de existência, assim como destacaram o fato de que esse processo de identificação também ocorre a partir de ideais ou vivências semelhantes,

independentemente de serem pessoas de mesma orientação sexual ou identidade de gênero. Os artistas recordaram ainda a importância de algumas figuras que fizeram parte dos seus convívios sociais.

Em segundo lugar, os artistas foram questionados sobre seu papel como figuras de referência para outras pessoas da comunidade LGBTQ+. Os entrevistados creem que, por meio de seu trabalho artístico, tornam-se figuras com as quais outras pessoas se identificam e as ajudam a formar suas identidades por meio do entendimento de que elas podem existir como sujeitos diferentes da norma social cisgênero heterossexual, hipótese confirmada pelos relatos. Principalmente os músicos, que trabalham com o grande público, citaram alguns exemplos de depoimentos de pessoas que disseram se identificar com a figura artística ou com a mensagem apresentada no trabalho artístico e, assim, conseguem entender melhor o sentimento de estar em discordância com a norma social cisgênero heterossexual. Os artistas destacaram, portanto, a motivação política por trás de seus trabalhos, ou seja, como a exposição de questões de sua vida pessoal tem como objetivo gerar identificação e, conseqüentemente, despertar o sentimento de pertencimento à comunidade LGBTQ+ nesses sujeitos.

Os relatos referentes a essas duas questões foram publicados de forma detalhada em 2019 como um capítulo do e-book “Estado e lutas sociais na América Latina: sociedade, economia e política”, intitulado *O artista e sua importância na constituição de uma narrativa identitária para a comunidade LGBT* (ALMEIDA; CURY, 2019). Contudo, o perfil desses artistas, os espaços culturais nos quais se apresentaram durante a

pesquisa de campo e os relatos que se referem à terceira hipótese da pesquisa ainda não foram publicados. Sendo assim, este artigo tem como objetivo publicar de forma original essas informações, bem como evoluir a reflexão sobre a urgência do fortalecimento da narrativa identitária LGBTQ+ por meio de políticas públicas que promovam maior visibilidade dos artistas que representam essa comunidade.

Considerando que a ação decorrente da confirmação dessas três hipóteses seria pensar políticas públicas urgentemente, torna-se necessário contextualizar a temática identitária e os espaços culturais que dialogam com a figura do artista LGBTQ+. Dessa forma, apresenta-se na próxima seção o perfil dos artistas entrevistados na pesquisa de campo, a temática identitária presente em seus trabalhos e os espaços culturais no quais se apresentaram. Em seguida, apresenta-se os relatos desses artistas diante do questionamento oriundo da terceira hipótese da pesquisa: esses artistas também se apresentam como figuras de referência para além da comunidade LGBTQ+ porque seus trabalhos artísticos apresentam uma identidade humana do sujeito LGBTQ+ e auxiliam a sociedade a entender melhor as existências cisgêneros homossexuais, trans ou não-binárias.

## **Artistas entrevistados e os espaços culturais**

---

### **Buenos Aires**

Na cidade de Buenos Aires, foram entrevistadas as atrizes Jazmin Cancian e

Sara Estefanía, ambas mulheres cisgêneros homossexuais que tinham 27 e 33 anos, respectivamente. Juntas, elas produziam *Clásicxs LGBT*, um ciclo bimestral de teatro cuja premissa era convidar três diretoras ou diretores de teatro para que cada um escolhesse uma obra clássica e fizesse uma releitura com a temática LGBTQ+, por exemplo, incluindo personagens LGBTQ+ ou abordando discussões sobre gênero e sexualidade. A entrevista foi concedida no camarim da Cooperativa Cultural QI, local que recebia o evento no momento da pesquisa. Trata-se de um centro cultural localizado no bairro de Villa Crespo. Na Figura 1, aparecem, da esquerda para a direita e de cima para baixo, Jazmin Cancian, Sara Estefanía, Nadia Romina Sandrone, Denise Yañez e Rodrigo Arena.

Foi entrevistado o ator Emiliano Figueredo, homem cisgênero homossexual de 40 anos, que estava em cartaz no momento da pesquisa de campo com a peça *1990 Noches*, uma obra baseada em sua vivência na cena LGBTQ+ de Buenos Aires na década de 1990, na qual interpreta uma drag queen. A peça surgiu de uma série de contos que Emiliano escreveu sobre as pessoas LGBTQ+ que via nos palcos das casas noturnas quando era adolescente, algumas com as quais conviveu. A peça estava em cartaz em Feliza, um espaço cultural LGBTQ+ localizado em Buenos Aires, na área limítrofe dos bairros de Almagro e Recoleta, com diversos ambientes que recebem uma vasta programação cultural, incluindo peças de teatro, espetáculos musicais, feiras, espetáculos de drag queens e DJs que transformam alguns espaços em pista de dança.

[Figura 1]

Jazmin Cancian e Sara Estefanía na entrevista e o centro cultural  
Cooperativa Cultural QI no dia do evento *Clásicxs LGBT*



Fonte: Camila da Silva Wanderley (foto 1) e Luiz Roberto de Almeida (2018) (fotos 2, 3 e 4)

[Figura 2]

Emiliano Figueredo na entrevista, preparando-se para atuar e, em  
seguida, atuando na peça *1990 Noches*, no espaço cultural Feliza



Fonte: Thays Munhoz Bastos, Luiz Roberto de Almeida e Camila da Silva Wanderley (2018)

O ator, trapezista e palhaço Javier Marra, homem cisgênero homossexual de 34 anos, foi o quarto artista entrevistado em Buenos Aires. Javier era diretor artístico do espetáculo *Domínica, la variété del CAFF*, um show de variedades no qual se apresentavam músicos, bailarinas e bailarinos, humoristas e artistas de circo em geral. No momento da entrevista, o espetáculo ocorria aos domingos no Club Atlético

Fernández Fierro (CAFF), no bairro de Almagro, Buenos Aires, uma casa de shows que nos demais dias da semana recebia apresentações musicais. Javier fazia a curadoria dos artistas que participavam de cada edição de *Domínica* e entrava em cena com a personagem La Parker, uma mulher travesti que tinha o papel de anfitriã do espetáculo. La Parker apresentava seu quadro humorístico no intervalo entre artistas.

[Figura 3]

Javier Marra na entrevista, preparando-se para encenar La Parker e em cena, apresentando seu quadro humorístico no CAFF



Fonte: Thays Munhoz Bastos, Luiz Roberto de Almeida e Camila da Silva Wanderley (2018)

Também foi entrevistada a dupla Ivo y Javiera, que se apresentou no espetáculo *Domínica, la varieté del CAFF* organizado por Javier Marra. Na data da entrevista, a banda se chamava BIFE e Ivo Colonna se autodenominava Ivi Colonna porque ainda não se identificava como trans masculino não-binário. Ivo Colonna se posicionou publicamente sobre sua identidade de gênero e mudança de nome em 2020 e a banda mudou de nome no começo de 2021. Javiera tinha 38 anos na data da entrevista e Ivo Colonna tinha 31 anos. Ambos moravam na cidade de Buenos Aires e se identificavam com a fluidez de gênero, pois não conseguiam definir sua identidade de gênero como feminina ou masculina; por isso, se sentiam mais à vontade com a flexão dos pronomes de forma neutra, que utiliza a vogal “e” ou a consoante “x”, como “nosotres” ou “nosotrxs” no lugar de “nosotras” ou “nosotros”. A dupla compõe e canta tangos não misóginos, cúmbias não machistas e músicas que problematizam o amor romântico ou abordam o poliamor. Em 2014, lançaram o primeiro álbum, *Con amor*, com 13 músicas; em 2016, o segundo álbum, *Toda*, com

27 músicas; e, em 2018, o terceiro álbum, *Adentro*, com 11 músicas. A entrevista foi concedida na casa de Ivo Colonna, no bairro de Chacarita, Buenos Aires.

Por fim, em Buenos Aires, foi entrevistada Marlene Wayar, mulher travesti, psicóloga social, ativista travesti, escritora, colunista do *Suplemento Soy*, do jornal *Página 12*, e editora do periódico *El Teje*, primeiro periódico travesti da América Latina. Marlene tinha 49 anos na data da entrevista. Em 2011, recebeu o prêmio Lola Mora, concedido pela cidade de Buenos Aires por seu trabalho no periódico *El Teje*. O prêmio Lola Mora é destinado a pessoas que trabalham em meios de comunicação transmitindo uma imagem da mulher que rompa com os estereótipos de gênero e promova a igualdade de direitos das mulheres. Em setembro de 2018, lançou o livro *Travesti: una teoría lo suficientemente buena*, cujo evento de lançamento foi acompanhado durante a pesquisa (Figura 5). A entrevista foi concedida em um espaço de convivência de seu local de trabalho, o Ministério do Trabalho, Emprego e Segurança Social da Nação.

[Figura 4]

Javiera e Ivo Colonna na entrevista, à esquerda, e se apresentando no CAFF, à direita



Fonte: Thays Munhoz Bastos e Luiz Roberto de Almeida (2018)

[Figura 5]

Marlene Wayar na entrevista, à esquerda, e no lançamento de seu livro, à direita



Fonte: Thays Munhoz Bastos e Luiz Roberto de Almeida (2018)

## São Paulo

Em São Paulo, foi entrevistada a instrumentista – toca clarinete e clarone – e cantora Maria Beraldo, mulher cisgênero homossexual de 30 anos que havia acabado de lançar seu trabalho solo, *Cavala*, um álbum com 10 músicas de autoria própria. Também em 2018 foi indicada ao Prêmio APCA, da Associação Paulista de Críticos de Arte, nas categorias Artista Revelação, Melhor Disco e Show do Ano, e ao Prêmio Women's Music Event, uma plataforma de música focada no protagonismo da mulher, nas categorias Revelação do Ano, Melhor Produtora Musical e Melhor Instrumentista, no qual foi consagrada com o prêmio na categoria de Melhor Instrumentista. Os autores vivenciaram o show *Cavala* que ocorreu no Mundo Pensante, um espaço cultural disponível para eventos de música e artes visuais no bairro do Bixiga, em São Paulo.

Foram também entrevistados os cantores Tchelo Gomez e Harlley Ferreira, ambos homens cisgêneros homossexuais, que tinham 26 e 20 anos, respectivamente. São compositores e cantores que, junto com Guigo, Boombeat, Murillo Zyess e Apuke, formam o Quebrada Queer, primeiro grupo de rap LGBTQ+ da América Latina. Em junho de 2018, o Quebrada Queer lançou sua primeira música, homônima ao grupo, e, no final do mesmo ano, seu primeiro álbum, com mais cinco músicas. A entrevista com Tchelo foi realizada no Espaço Vivartte, no bairro Barra Funda, uma escola que Tchelo frequentou como aluno e onde ele organiza o Palco Vivartte, um evento que acontece algumas vezes ao ano com apresentações de diversos artistas convidados. A entrevista com Harlley ocorreu em um espaço ao lado da Fábrica de Cultura Capão Redondo. Harlley faz parte da primeira geração de artistas

formados por esse centro de cultura, inaugurado em dezembro de 2012. O show do Quebrada Queer também foi vivenciado na Fábrica de Cultura, mas na unidade da

Vila Nova Cachoeirinha. Na terceira foto da Figura 7 aparecem, da esquerda para a direita, Guigo, Harley, Murillo Zyess, Apuke, Tchelo Gomez e Boombeat.

[Figura 6]

Maria Beraldo no show *Cavala*, no espaço cultural Mundo Pensante



Fonte: Luiz Roberto de Almeida (2018)

[Figura 7]

Tchelo e Harley nas entrevistas e a apresentação do Quebrada Queer na Fábrica de Cultura Vila Nova Cachoeirinha



Fonte: Luiz Roberto de Almeida (2018)

Luh Maza, mulher trans, e Gabriel Lodi, homem transvestigênera, ambos de 31 anos, foram os próximos entrevistados em São Paulo. No momento da pesquisa, atuavam na peça *Cabaret transperipatético*, dirigida por Rodolfo García Vázquez, da companhia de teatro Os Satyros, localizada na Praça Roosevelt, no centro de São Paulo. Como reconhecimento de suas atuações na peça *Cabaret transperipatético*, ambos fizeram parte da lista das dez pessoas escolhidas

como Melhor Revelação do Teatro pelo Blog do Arcanjo no portal UOL de notícias, uma plataforma de mídia de Miguel Arcanjo, vice-presidente da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) e um dos jornalistas mais influentes do Brasil na área cultural. A construção do texto da peça foi feita em conjunto com os artistas que atuam no espetáculo e com base em suas vivências como pessoas trans, não-binárias ou intersexo. Além disso, Luh Maza, que

também é dramaturga, roteirista e diretora, trabalhou como dramaturgista da peça em conjunto com Ivam Cabral e Rodolfo García Vázquez. Na última fotografia da Figura

8 aparecem, da esquerda para a direita, Daniela Funez, Gabriel Lodi, Luh Maza, Sofia Riccardi, Guttermil, Léo Perisatto e Fernanda Kawani.

**[Figura 8]**

**Luh Maza e Gabriel Lodi na entrevista e atuando em *Cabaret transperipatético***



Fonte: Thays Munhoz Bastos (foto 1) e Luiz Roberto de Almeida (2018) (fotos 2, 3, e 4)

Por fim, foi entrevistada Marina Mathey, mulher travesti de 25 anos que trabalhava com teatro, televisão, cinema e dança. Marina estreou como cantora com *Trava*, show realizado com a banda formada por Rodrigo Zanettini, Felipe Chacon e Breno Barros. O show de estreia, realizado no Teatro de Contêiner

Mungunzá, localizado no bairro Santa Efigênia, no centro de São Paulo, fez parte do Risco Festival, um evento que se propôs a dar visibilidade a artistas que dialogam com questões de gênero e sexualidade, entre outras. A entrevista foi concedida na Oficina Cultural Oswald de Andrade, no bairro Bom Retiro, em São Paulo.

**[Figura 9]**

**Marina Mathey no show *Trava*, no Teatro de Contêiner Mungunzá**



Fonte: Luiz Roberto de Almeida (2018)

## Artistas LGBTQ+ como sujeitos políticos

---

### Artistas como figuras de referência para além da comunidade LGBTQ+

Considerando a violência vivenciada pelos sujeitos LGBTQ+, os artistas foram questionados sobre seu papel como figuras de referência para a sociedade em geral, ou seja, tanto para pessoas que se identificam como pertencentes à comunidade LGBTQ+ quanto para aquelas que não se identificam. Perguntou-se também se eles acreditam que seus trabalhos artísticos ajudam a apresentar uma identidade humana do sujeito LGBTQ+ que viabilize à sociedade entender melhor as possibilidades de existência cis-gênero homossexual, trans ou não-binária.

Em seus relatos, os artistas mencionaram a homofobia e a transfobia estruturais, que partem da cultura e, portanto, também estão presentes neles. Isso resulta em uma violência interna, seja pela questão da homossexualidade – “quando eu fui percebendo que eu era lésbica foi muito ruim pra mim, o pensamento que eu tive comigo mesma foi: ‘nossa, não acredito que isso aconteceu comigo’ [...]. Foi uma homofobia que partiu de dentro de mim” (Maria Beraldo) – ou da transgeneridade – “porque quando você se entende trans, passar pelo processo de transfobia, de autotransfobia, a princípio também é muito doloroso” (Gabriel Lodi). Para Maria Beraldo, “mais do que não ter exemplos, ter exemplos de gente escondida foi muito violento pra mim”. “Desde que nacemos nos dicen, la publicidad nos muestra y los libros nos enseñan la familia heterosexual [...]. Entonces, cuando uno

nace con eso, eso es lo correcto. Entonces, cuando vos sentís deseos hacia una persona que es de tu mismo género, te dicen que está mal” (Sara Estefanía). Trata-se, portanto, de uma “opressão a partir da cultura [...], uma opressão muito forte, muito violenta. Você não poder dizer, não poder mostrar, você ter que se esconder” (Maria Beraldo) o que dificulta o processo de autoaceitação. Luh Maza complementa em seu relato: “a minha transição foi tardia e a minha relação com o meu gênero foi interrompida. Eu tinha manifestações da minha feminilidade na infância e houve um período de interrupção em que eu sufoquei a minha natureza durante muito tempo no início da vida adulta”.

A violência interna soma-se à violência que vem das outras pessoas:

En mi familia, en mi escuela, en la calle, las travestis, los homosexuales, era como algo que no estaba bien, o como que quedaba escondido para la época del carnaval, o para hacer un chiste. Durante mi infancia muchas veces en la escuela, bueno, me discriminaron, o me hacían bullying diciéndome: ‘puto, maricón’, ese tipo de cosas (Emiliano Figueredo).

Trata-se, portanto, de uma dupla violência que provoca a sensação de medo – “eu tive momentos da minha vida que eu tive medo, que eu tive questões de ‘n’ sentimentos que me deixaram preso” (Tchelo Gomez).

Alguns artistas deixam claro que, apesar da intenção de que seu trabalho artístico ajude a naturalizar as vivências LGBTQ+, não acreditam que podem influenciar diretamente na violência que acomete essa comunidade. Para Marlene Wayar: “Si una cree

que quién va a cometer el crimen de odio va a dejar de matar por leer un libro, por entender algo, la verdad, que yo no pongo muchas esperanzas en eso". Ademais, Javiera relata: "Es difícil de cantar victoria y decir: 'sí, hicimos una canción y la violencia disminuyó'. Pero sería nuestra intención. Nuestra intención implica tratar de naturalizar lo anormal, tratar de visibilizar un montón de cosas que parecen raras". Eles entendem que há um limite até onde podem chegar.

Eu não romantizo dessa forma. Eu acho que eu deixei de romantizar. Eu faço. [...] Quem acessa o teatro hoje? Se já não são pessoas que estão pensando um pouco fora de uma normatividade. O acesso à cultura já é um privilégio. A pessoa, o corpo que tá lá acessando aquele texto, ele já é um corpo que está mais apto e preparado a acessar aquele texto (Gabriel Lodi).

Nesse sentido, Marina Mathey declara: "eu não tenho a pretensão de mudar o mundo com o meu trabalho. [...] Eu não tenho pretensão de transformá-las [as pessoas] tanto assim porque eu não sei, eu não tenho essa potência". Marina também apresenta outra visão sobre a questão da humanidade:

nesse caso das atrocidades que a gente passa, que é você ter os corpos trans sendo assassinados, que não é um tiro, são quinze facadas, são dez tiros, são espancamentos coletivos, são incêndios, é mais do que desumano, é grotesco, é bizarro. Essas pessoas estão desumanizadas. Elas estão precisando se entender enquanto humanas, elas estão com falta de amor também.

Entretanto, independentemente da dificuldade de avaliar ou de acreditar

que seus trabalhos artísticos podem agir diretamente na violência que acomete os sujeitos da comunidade LGBTQ+, os artistas declaram que têm a intenção de expandir seus trabalhos para além dessa comunidade com o objetivo de promover a reflexão sobre as mensagens que seus trabalhos carregam e as possibilidades de existência diferentes da norma. Sobre o trabalho do grupo de rap Quebrada Queer, Harley Ferreira relata que "quando a gente soltou a Cypher<sup>4</sup> lá no canal do Rap Box<sup>5</sup>, a gente já sabia que o público que ia consumir aquilo imediatamente não ia ser o nosso porque o Rap Box não é um canal LGBT, então, a gente já fez de propósito mesmo pra que isso chegasse". Contudo, Harley e os demais artistas têm muito claro que o resultado – isto é, a mudança de pensamento e de entendimento – depende de quem recebe o material artístico. Nas palavras de Marina Mathey: "o palco é um lugar de compartilhamento. [...] Eu disponibilizo tudo que eu posso e toda minha presença, e minha integridade, minha intensidade ali. Só que depende do outro". Os artistas acreditam, portanto, que o máximo que conseguem é plantar sementes nas pessoas. "Buscamos estratégias poéticas a través de las canciones, resignificando los géneros musicales también. No para tratar de bajar línea de una manera propagandística sino tratando de compartir las semillas de la reflexión para que en cada uno pueda surgir el pensamiento de algo" (Javiera). "Cuando uno trabaja a través del arte con estos contenidos, con la cultura LGBT desde otro punto, de golpe lo vea dentro de un hecho

4 Cypher é um grupo de rappers.

5 Rap Box é uma plataforma on-line voltada para a difusão de conteúdos audiovisuais de rap.

artístico y pueda tomarlo desde otra óptica [...]. Y que se vaya haciéndose pregunta me parece que es una forma de empezar a abrir caminos” (Jazmin Cancian).

Em relação ao texto autobiográfico da peça em que atua, Gabriel Lodi relata:

quantos homens não saíram dali falando “meu, eu nunca tinha pensado na minha masculinidade, de onde veio, quais são os referenciais, o que eu peguei para me formar como homem”. É um homem cisgênero heterossexual falando isso pra mim. E que bom que aquele cara de alguma forma vai repensar qualquer coisa que seja da vida dele. É qualquer coisa.

Sobre o seu trabalho artístico, Ivo Colonna também aponta a receptividade por parte das pessoas de fora da comunidade LGBTQ+: “Nos ve gente heterossexual, monogámica y casada, con hijos, y también les gusta [...]. Y creo que está bueno eso porque significa que tiene algo de, no sé si didáctico, pero, como desde el humor, de la simpatía, genera empatía más allá de la identidad de la persona”. Para Sara Estefanía, “cuando al otro se le muestra una realidad y cuando uno sabe que eso existe, primero pasarán en algunos casos por la tolerancia, pero después es también como empezar a aceptarlo y como empezar a darle visibilidad y escucha”.

## Representatividade trans

Luh Maza destaca a importância da representatividade para o entendimento do sujeito trans como um sujeito humano:

Só com a nossa presença o outro pode entender o que a gente é. É muito difícil

pro ser humano aceitar e acolher o diferente. Quanto menos ele entende sobre essa diferença mais difícil vai ser ele acolher, e mais fácil vai ser essa diferença se transformar em outras coisas como o ódio [...] O meu gênero ou a minha etnia são superimportantes, mas são só uma parte da minha identidade.

Por isso, é cada vez mais importante a presença de artistas LGBTQ+ “em todos os espaços, em todos os lugares. Porque nós podemos estar em todos os lugares, não tem nada que nos impeça de ocupar outros lugares, a não ser esse preconceito, essa limitação que vem do desconhecimento”. Nessa mesma linha de pensamento, Marlene Wayar explica que se trata de “experiencias que nos preexisten [...] es un modo de ser, y eso no tendría que ser cuestionado”. Mas como ainda é questionado, “el ejercicio de escribir y empezar a plasmar nuestra rica cultura oral termina siendo como un acto desesperado de poder contrarrestar lo que los medios masivos de comunicación hacen con todos los discursos”. Dessa forma, o ato de escrever “estos libros terminan siendo un acto desesperado de llegarle a más gente, de la gente que se convence de lo que está leyendo pueda pasarlo a otra, a otro, y que se puedan generar nuevas expectativas”.

Emiliano Figueredo traz à tona a problemática da representatividade de pessoas cisgêneros homossexuais ser feita por atrizes ou atores cisgêneros heterossexuais, bem como atrizes ou atores cisgênero representarem pessoas trans:

Pienso que, por lo general, casi siempre en el teatro, en la televisión, en el cine, a los personajes trans o gays, lo suelen

representar actores heterossexuales que a veces no llegan a ser lo suficientemente reales. Y pienso que estaría bueno que más actores trans, actrices trans, o actores gays y actrices lesbianas, o lo que sea, empiecen a representarse a sí mismos porque de esa manera es la mejor manera que vamos a representar de la manera más verosímil a nuestra comunidad. [...] Ojalá en el futuro haya más personajes trans en la ficción, y representados por verdaderos trans. No que vengan otros hacer lo que se imaginan que nosotros somos.

Sobre a visibilidade dada a personagens trans, Gabriel Lodi alerta que “não dá pra romantizar que toda a visibilidade ainda hoje ela é benéfica”. Na maioria das vezes, essas personagens representam conceitos errados do que é ser uma mulher ou um homem trans, misturando, inclusive, a figura da mulher trans com a da drag queen. O artista defende, então, a necessidade de pessoas trans darem vida a essas personagens. “Hoje nós precisamos de travestis fazendo travestis. Há dez anos atrás, há cinco anos atrás, era importante porque só pessoas cisgênero poderiam estar lá. Hoje, que nós estamos começando a ter acesso, então, hoje, é a travesti que vai fazer, são momentos históricos diferentes”. Além disso, Gabriel Lodi aponta a necessidade de inserir esses artistas no processo de construção das personagens: “O que eu tenho de visibilidade hoje que eu posso ver, é quando eu vejo, por exemplo, vou assistir uma peça de uma mana que é travesti, dramaturga, que botou duas travestis lá pra atuar. Quando eu vou na minha peça e eu vejo sete corpos lá trans, que escreveram a peça”. Além disso, argumenta que artistas trans não sejam chamados somente para interpretar personagens trans.

## Criação e apropriação dos espaços

Sobre a motivação para se tornarem produtoras do *Clásicxs LGBT*, Sara Estefanía argumenta que “el Estado da la espalda a esa población, no trabajan en políticas de sexualidad, de conocimiento, de educación. No se les brinda herramientas laborales, se excluyen”. Com isso, há a necessidade de buscar espaços de pertencimento: “yo creo que todo lo que abramos y presentemos, y hagamos, más que nada artísticamente, hace que muchas personas se puedan sentir identificadas y puedan sentir la pertenencia” (Jazmin Cancian). Para tanto, é necessário criar espaços que permitam “expresar en todas nuestras facetas y que nos permitan acercarnos y hacernos sentir parte de eso” (Jazmin Cancian). Nesse mesmo sentido, Javier Marra afirma:

para mí ser un militante de la cultura es seguir trabajando y generando conceptos desde el arte. ¿No aflojarle nunca, viste? Trabajar, trabajar, y que la mayor cantidad de gente pueda ver lo que uno hace. [...] Yo genero yo lo que voy a hacer. A mí no me llaman para trabajar, pero me llaman más por lo que yo genero que por los que generan otros. Entonces, para mí la militancia tiene que ver con esto, con generar espacios donde sucedan cosas que puedan hacer que el otro reflexione de alguna manera.

Tchelo Gomez também relata a importância desses espaços:

aí depois veio a Batekoo, que é uma festa maravilhosa, que aí que eu me identifiquei ainda mais porque era uma

festa pra LGBTQ+, pra mulher, pra periférico, pra negro. E aí eu cheguei nessa festa e eu falei: ‘cara, aqui eu também posso ser quem eu quiser, me vestir como quiser’. Porque era isso, as pessoas entravam na festa e elas parece que se libertavam. E não tinha ninguém ali pra julgar ela, como ela tava dançando, como ela tava se vestindo, com quem ela tava se relacionando. Isso foi muito importante também. [...] Então, são várias coisas que foram somando pra minha pessoa como artista e como ser humano.

Por fim, Luh Maza também destaca: “poder atuar com essa identidade, seja no teatro, seja na televisão, seja numa escola quando eu dou aula, de alguma forma naturalizar a minha presença nesses espaços, eu espero que incentive que outras tomem esses espaços também” .

## Considerações finais

---

Sobre a questão do “nós” contra o “outro”, Bauman (2017, p. 99) sugere um caminho e afirma que “para encontrar a ponte entre pensamento e ação é preciso concentrar-se no campo ocupado e cultivado pela sociologia (ou psicologia social), e também na arte do diálogo”. Nessa mesma perspectiva do diálogo, Buber (2014, p. 56) afirma que “o movimento básico dialógico consiste no voltar-se-para-o-outro”. Para o autor, o domínio do inter-humano se dá muito além da simpatia. A coletividade é o simples estar atado ao outro, mas “a comunidade em evolução é o estar não-mais-um-do-lado-do-outro, mas

estar um-com-o-outro” (BUBER, 2014, p. 66). Para Medina (2006), o afeto é o mediador do diálogo, ou seja, somente quando as pessoas se deixam afetar umas às outras é possível que se estabeleça a “interação criadora em que ambos se transformam” (MEDINA, 2006, p. 161). Diante da problemática levantada e das hipóteses analisadas, pode-se pensar na transformação que surge da relação dialógica entre artista e público e que também se deu entre esses artistas e o pesquisador, cujos encontros foram marcados pela sensibilidade e pela generosidade com as quais os artistas compartilharam seus materiais artísticos e seus pensamentos e sentimentos.

Todos os artistas deixaram evidente que há a intenção de fazer com que sua arte chegue até as pessoas que não são parte da comunidade LGBTQ+. Contudo, como destacaram alguns artistas, como Harley Ferreira, Javier Marra, Marina Mathey e Javiera, o papel do artista é o de disponibilizar um conteúdo com toda a intensidade que lhe é permitida, pois o resultado desse processo também depende da pessoa que está recebendo o conteúdo e do quanto ela está aberta, preparada ou mesmo disposta a pensar no que foi proposto pelo artista. Portanto, todos estão de acordo que se trata de plantar sementes e, nesse sentido, é válido que as pessoas reflitam, se questionem ou se disponham a pensar sobre qualquer questão que surgir a partir do contato com o material artístico apresentado.

Bauman (2003, p. 126) afirma que “a universalidade da humanidade é o horizonte pelo qual qualquer política de reconhecimento precisa orientar-se para ser significativa”. Luh Maza, Marina Mathey, Marlene Wayar e Gabriel Lodi declaram concordar com o fato de que é necessário

trabalhar para afirmar o sujeito trans como um sujeito humano porque a identidade trans ainda é muito questionada, quando ela já deveria ser aceita e entendida. Nesse sentido, para Marlene Wayar, seu ato de escrever tem como objetivo ampliar o alcance de seu trabalho como ativista trans. Marina Mathey destaca o simples fato de existir na sociedade como um ato de resistência e de afirmação enquanto um sujeito social. Luh Maza acredita que a sociedade aos poucos tem conseguido entender melhor a humanidade que reside nos corpos trans, mas, para que isso siga acontecendo, é necessária maior representatividade dos corpos trans em todos os lugares, seja na mídia seja em qualquer local de convívio social.

Hall (2015) argumenta que a construção da identidade nacional só foi possível com a criação da “narrativa da nação, tal como é contada e recontada nas histórias e nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular. Essas [...] simbolizam ou representam as experiências partilhadas [...] que dão sentido à nação” (HALL, 2015, p. 31). Portanto, acredita-se que, da mesma forma como foi possível criar a “narrativa da nação”, os artistas LGBTQ+ têm um papel importante na exposição de diferentes vivências, que contribuem para a narrativa identitária da comunidade LGBTQ+. Tal narrativa atua de forma a fortalecer a comunidade e equilibrar a relação de poder entre os sujeitos LGBTQ+ e os demais sujeitos sociais. “Em vez de pensar as culturas nacionais como unificadas, deveríamos pensá-las como constituindo um dispositivo discursivo que representa a diferença como unidade ou identidade, [...] ‘unificadas’ apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural” (HALL, 2015, p. 36).

Dito isso, conclui-se que os relatos dos artistas confirmaram a hipótese de que eles são figuras de referência para além da comunidade LGBTQ+, uma vez que seus trabalhos artísticos apresentam uma identidade humana do sujeito LGBTQ+ que contribui para o entendimento da sociedade sobre as existências cisgêneros homossexuais, trans ou não-binárias. Portanto, é urgente pensar políticas públicas que promovam maior visibilidade de artistas LGBTQ+. Tais políticas precisam considerar as questões identitárias e a ocupação de espaços que não sejam exclusivamente LGBTQ+, como Jazmin Cancian e Sara Estefanía fizeram em Buenos Aires, ao ocuparem a Cooperativa Cultural QI; Javier Marra, Javiera e Ivo Colonna, ao ocuparem o CAFF; Maria Beraldo, em São Paulo, ao se apresentar no Mundo Pensante; Harlley Ferreira e Tchelo Gomez, em seu show na Fábrica de Cultura Vila Nova Cachoeirinha; Luh Maza e Gabriel Lodi, ao atuarem na companhia de teatro Os Satyros; e Marina Mathey, ao se apresentar no Teatro de Contêiner Mungunzá. ■

**[ LUIZ ROBERTO DE ALMEIDA ]**

Professor do Centro Universitário FMU. Doutorando e mestre em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo (Prolam-USP). Graduado em Comunicação Social pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).  
E-mail: luiz.rob@gmail.com

**[ LUCILENE CURY ]**

Professora associada da ECA-USP. Pesquisadora e docente no Prolam-USP. Líder dos grupos de pesquisa CNPq Movimentos Econômicos & Migratórios (MEMI) e Cibernética Pedagógica – Laboratório de Linguagens Digitais: LLD.  
E-mail: lucilene@usp.br

## Referências

---

ALMEIDA, Luiz Roberto de; CURY, Lucilene. O artista e sua importância na constituição de uma narrativa identitária para a comunidade LGBT. *In*: URQUIDI, Vivian *et al.* (org.). **Estado e lutas sociais na América Latina**: sociedade, economia e política. São Paulo: Prolam-USP, 2019. p. 623-636. (Coleção Pensar a América Latina e o Caribe, v. II). Disponível em: <https://bit.ly/2WmkXfI>. Acesso em: 9 ago. 2021.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BUBER, Martin. **Eu e tu**. São Paulo: Centauro, 2001.

BUBER, Martin. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 103-133.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista**: o diálogo possível. 4. ed. São Paulo: Ática, 2000.

MEDINA, Cremilda. **O signo da relação**: comunicação e pedagogia dos afetos. São Paulo: Paulus, 2006.

PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas**: tempo, caos e as leis da natureza. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 73-102.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 7-72.